

CRÍTICAS DO OUTRO LADO DO MAR

Por Marcelo Panguana

O percurso da literatura moçambicana é um pouco isto: dois ou mais passos titubeantes, a responsabilidade de quem nos tempos que correm sente que é urgente a apresentação duma nova proposta estética. Depois, as influências inadiáveis. O rigor mais ou menos digerível deste ou daquele autor. Os comentários numa mesa a quatro no aconchego de qualquer recanto. A disparidade de opiniões! O percurso da literatura moçambicana é o livro que se publica hoje e que nos escaparates das livrarias se esgota ou não se esgota. As dificuldades editoriais, os falsos profetas, as críticas mais ou menos suspeitas. A sensibilidade poética, o frémido, a ousadia do verbo e destas gentes que gravitam nesta gesta literária que certamente irá conhecer os seus melhores dias.

O percurso desta nossa literatura será também a forma como se traduzirão, em alguns dos poucos países onde o nosso livro chega, comentários que podem muito bem ser a medida da nossa dimensão.

Na sua última edição, a revista de literatura-arte e cultura «África», dirigida pelo conhecido intelectual português Manuel Ferreira, faz uma abordagem de algum modo interessante e necessária, pelo facto de, em nossa opinião, partir de críticos do outro lado do mar e por isso mesmo isenta de favoritismos capazes de se tornarem suspeitos nestas nossas bandas. Nesses e referido número são analisados os livros dos escritores Luís Carlos Patraquim, Albino Magaia, Eduardo White e Juvenal Bucuane.

Do autor da Inadiável Viagem,

não nos pareceu que o (s) crítico (s) português (es) comungasse (m) dessa opinião (quase) generalizada e segundo a qual o Luís Patraquim estaria enveredando... «por uma poesia demasiada voltada para dentro, para a contemplação do próprio umbigo». A sentença amadurecida do (s) crítico (s) da revista «África» tece rasgados elogios àquele autor, considerando-o «Talvez o mais brilhante e inventivo dos jovens poetas moçambicanos. Uma obra bela sob os signos todos na ousada coragem — de uma viagem como tema a todas as viagens do impossível. E aí se perfilam, do paraíso artificial às lendas de Ulisses e Steindbad, das trevas do ópio baudelairianas aos solares artificios da cerveja de Rimbaud, a embriaguez...», etc.

Este breve trecho sobre o último livro de Patraquim talvez venha servir, e seja o abalo neces-

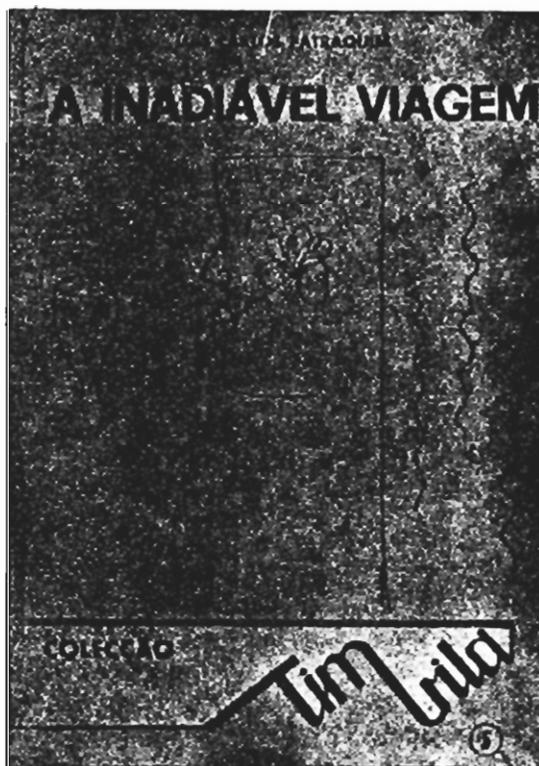
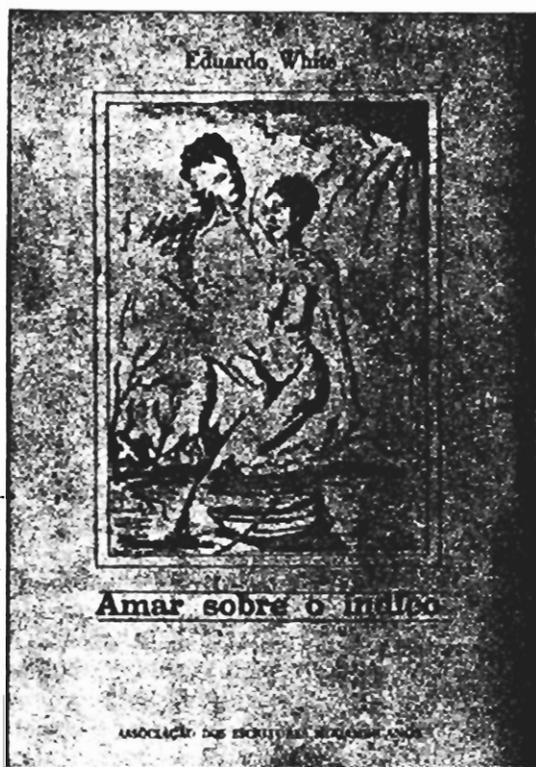
sário, mas não deliberado de quem quer que seja, para abalar a inércia dessa convicção traduzida na forma quase obcecada com que bastas vezes exigimos a linearidade ou a simplificação extrema do discurso poético. Como se de facto não existisse nenhuma diferença entre as palavras utilizadas nas ruas e aquelas que nascem do labor verdadeiramente poético. Como se a poesia fosse apenas essa sacanagem-literária que com alguma frequência aparece nas nossas páginas de especialidade. Uma poesia insalubre, panfletária e asfíxiante.

vez disséssemos que não é por acaso que o Albino Magaia parece definitivamente apostado em se dedicar exclusivamente à prosa, renegando deste modo, toda essa poesia que ao longo dos últimos anos se fez o seu suporte lutando contra as intempéries da vida, ou então utilizando-a para demonstrar a sua visão do mundo. Uma opção derivada certamente da necessidade que Magaia tem de dar um testemunho talvez mais fiel das coisas que lhe rodeiam.

A propósito do dualismo jornalismo-ficção, escreve-se exactamente que é uma mistura ... «que só

cado num dos órgãos da nossa informação!

De Eduardo White talvez disséssemos que já não nos surpreende toda a alusão crítica que lhe tem sido feita, e na generalidade toda ela favorável. Lembramo-nos da «Lavra e Oficina» que se publica em Angola e das palavras escritas por Ruy Duarte de Carvalho. Ou ainda recentemente do facto, quanto a nós bastante significativo, de o E. White ter ocupado uma página inteira num conceituado suplemento literário que se publica em Minas Gerais, Brasil, com a publicação de sete de al-



É sobre Patraquim, há ainda a necessária prova dos nove, isto é: a transcrição completa de um dos melhores poemas desse livro, «Bar Tropical». O resto são as conclusões do leitor!

De Albino Magaia e desse seu depoimento que é Yô Mabalane, diz-se que ... «quando escreveu este livro, Albino Magaia já não era um jovem inexperiente no mundo das letras e muito menos nessa técnica fascinante e difícil que é a grande reportagem. Por isso, não espanta que essa obra tenha as grandes virtudes características desse género comprometido entre o jornalismo e a ficção».

É pela parte que nos cabe, tal-

parece estranha a quem julga que um fosso imenso separa a fantasia do literário e a realidade do jornalístico ... mentira que Magaia não nos pregaria com a imensidão alucinante e espantosa que é a realidade do seu Moçambique de um inesgotável imaginário, onde toda a realidade é quase inacreditável e a lenda se esbate nas fronteiras da crença». E ficamos à espera que a veia ficcionista de Magaia se espraie e se consolide, e só não se convencerá que não será assim, aquele que não teve a oportunidade de ler, a título de exemplo, esse succulento conto que é «Fertilidade da terra no ventre de Ntavasse», recentemente publi-

guns dos seus melhores poemas!

Anda na «mó de cima», a revista «África» considera que Eduardo White «é um dos mais jovens moçambicanos com real talento. Talvez dos mais importantes que se revelaram desde a independência até hoje. Escreve desde muito novo e quase tudo o que tem publicado em jornais e revistas é digno de nota». E numa referência ao seu primeiro e único livro, acrescenta-se que *Amar sobre o Índico* atinge em certos momentos um excelente nível como manejar insolitamente este verbo tão bonito! E sobre este poeta jovem que dizer mais?

Uma última referência a Juve-

nal Bucuane e a Raiz e o Canto, talvez o poeta da nova geração com um percurso literário que já data dos tempos de antigamente. Para além de se falar da estreia de um jovem poeta que já tem um estilo bem marcado e sólido na sua poesia, a crítica ainda adianta uma dúzia de palavras para finalmente acabar por nos lembrar através da voz de Bucuane que ... «Na fimbria dos medos/

/falo da coragem e clamo-a/falo de mãos prontas a lutar/agora que é preciso lutar». E porque não, escrever também?

Menções honrosas estas. Sem dúvida nenhuma estimulantes para quem ainda se encontra no extremo inicial de uma actividade que exige um labor intenso e constante. De oscilações permanentes que falam do percurso de cada um.

Posto isto, para que serve a

futilidade de outras divagações? Talvez, e em jeito de fecho, fosse necessário acrescentar que a literatura moçambicana há-de ser aquilo que nós quisermos, para ocupar em todos espaços e latitudes possíveis, o seu devido lugar, sintetizando esta vitalidade literária que está apostada em se exprimir na máxima da sua fulgência.

□